

3. Sobre o morar em lugar nenhum: a invisibilidade em foco

O maior apetite do homem é desejar ser. Se os olhos vêem com amor o que não é, tem ser.

Padre Antônio Vieira em *Paixões Humanas* (Manoel de Barros, 2004).

A epígrafe escolhida, frase de Padre Antônio Vieira, ajuda-nos a compor este capítulo em que pretendemos refletir e ampliar a discussão sobre um tema tão inquietante: a invisibilidade pública dos lugares e rostos da pobreza.

Para estudarmos e refletirmos sobre a questão da invisibilidade, estaremos apoiados em dois autores por nós considerados fundamentais: Luis Eduardo Soares, que desenvolveu primorosamente suas idéias sobre a invisibilidade social e as suas conseqüências para a segurança pública no livro *Cabeça de Porco* (escrito a seis mãos: as suas, de MV Bill e de Celso Athayde, 2005) e Fernando Braga da Costa (2004), que prefere o termo invisibilidade pública no seu *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. Este autor realiza uma pesquisa etnográfica; mais do que isso, vive a experiência de ser um gari na Cidade Universitária da USP. Os garis, homens invisíveis, que invisivelmente fazem seu trabalho de limpeza nas ruas da cidade universitária e com quem Fernando compartilha horas do seu dia há anos, retratam as condições impostas ao sujeito que não é visto, que passa despercebido por entre tantos outros, como se tivesse a sua existência reduzida a um uniforme e ferramentas de varrição.

As populações das camadas empobrecidas da sociedade, moradores de comunidades populares, não são vistos como cidadãos, sujeitos de direitos e desejo. Sofrem de uma certa invisibilidade social. Não são reconhecidos em sua totalidade, como pessoas que são. Vergne (2002) afirma que por mais contraditório que possa parecer, a modernidade, o progresso e a “era da informação” têm trazido uma maior invisibilidade subjetiva dos moradores de comunidades populares.

Por exemplo, ao pensarmos em uma favela, qual imagem nos vem a cabeça?

Provavelmente lembraremos do filme “Cidade de Deus”, que levou milhões de brasileiros e brasileiras aos cinemas para conhecer a “intensa” vida na favela. Talvez lembremos das últimas reportagens que assistimos na televisão, informando sobre a guerra de facções, a ação da polícia e a morte do (jovem) traficante mais procurado da cidade ou daqueles que, inocentemente, foram atingidos por uma bala perdida ou vitimados por um ataque ao ônibus em que voltavam para casa.

Também poderemos nos reportar àquelas imagens do jornal em que os rostos jovens da favela estão cobertos por um capuz, suas mãos estão armadas e seus corpos, magros, carregam as marcas da cultura do consumo: tênis da marca X, relógio da grife Y....

Ainda poderiam vir à lembrança aquelas cenas da pobreza retratadas com frequência nos programas televisivos, que, ao “denunciarem” a ausência do poder público e o descaso com as populações pobres, mostram a favela como um lugar predominantemente sujo, desorganizado e que oferece risco à saúde de seus habitantes.

Diante de todas essas imagens associadas ao espaço da favela e outros espaços populares, os seus moradores tornam-se invisíveis. Invisíveis porque são projetados valores sobre esses lugares e são criados estereótipos que homogeneízam as pessoas e os lugares, retirando-lhes a sua singularidade. O que eles têm de único, de diferente, de singular. É como se todo habitante de uma comunidade fosse um bandido em potencial ou um carente por definição.

Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível, segundo Soares (2004), é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. O preconceito provoca invisibilidade.

A mídia, neste sentido, também contribui para a invisibilidade destas pessoas, na medida em que não valoriza em seus programas e produtos os modos de existência da periferia, das pessoas pobres, estigmatizando-as na maior parte das vezes. Por outro lado, é através da apropriação desta mídia, que eles vêm mostrando ao mundo o que têm e como são. Podemos encontrar um exemplo disto

no Santa Marta, uma favela localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Lá existe um projeto chamado Olhares do Morro¹ que se define da seguinte maneira:

No coração do morro Santa Marta, no Rio de Janeiro, um pólo de criação fotográfica, entre documentário e fotografia criativa, surge com a participação de seus moradores. Investigação fotográfica, “Olhares do Morro” documenta do interior uma intensa vida social e cultural, fora da eterna moldura das lutas de facções e violências policiais. “No meio de uma população à margem da sociedade, que por vezes não dispõe nem de existência civil, promover um projeto coletivo de afirmação visual faz infinitamente mais sentido do que fotografar solitariamente o território sensível da favela”, comenta Vincent Rosenblatt, fotógrafo e idealizador do projeto.

O “manifesto visual” realizado por estes jovens permite-nos pensar na forma como eles olham o lugar onde vivem, em como eles gostariam que este lugar fosse visto, e mais do que isso, como eles se vêem no olhar do outro e como isso aparece nas suas imagens, na construção do olhar sobre si mesmo. Traduzindo isso em perguntas, seria: como me olham? E como eu me olho? Como eu mostro isso para os outros?

Há, através destas experiências, um movimento em busca de uma identidade, um reconhecimento, uma valorização da sua cultura, do seu lugar. Vejamos o depoimento de um jovem fotógrafo:

com uma câmera na mão e uma idéia fixa na cabeça, nós moradores da Favela Santa Marta e fotógrafos do Olhares do Morro, percorremos becos e vielas da comunidade em busca de imagens que possam mostrar o cotidiano da favela, fora do contexto da violência e do tráfico de drogas. E através da fotografia nosso objetivo é mostrar uma imagem positiva da favela, bem diferente daquela que costumamos ver nos jornais, que procuram somente mostrar a pobreza, falta de urbanização e os aspectos negativos. Com isso queremos mudar ou melhorar a imagem que a sociedade tem de nós favelados e nossa função é mostrar através de imagens o dia-a-dia da comunidade, a cultura local e desmistificar a idéia que na favela só existe violência e que pobre não tem cultura nem organização social. (Jorge Alexandre Firmino, fotógrafo)

Firmino quer mostrar quem ele é. Mostra-nos isto ao afirmar que deseja tornar sua comunidade conhecida a partir do seu olhar, conforme o seu modo de vê-la. Todos queremos ser, desejar existir é força fundante do ser humano. Ser alguém, ser para alguém são todas variações possíveis de uma existência que só se realiza num olhar, num gesto, numa palavra dirigida que dá a quem quer ser a

¹ Para saber mais: www.olharesdomorro.org

certeza de que ele existe, de que tem um lugar de referência. Pertencer a algum lugar constitui-se numa abertura para o ser no mundo. E é importante fazer este lugar ser visto e poder ser igualmente visto a partir deste lugar. Ser de algum lugar.

Vergne (2002) nos fala de pertencimento. Segundo o autor, buscar pertencer é, para os sujeitos, incluir-se em determinados circuitos, estar em consonância com outros sujeitos na luta pela sobrevivência e pelo reconhecimento. O pertencimento do morador de favelas passa pelo desejo de participar de uma *polis* que, no entanto, o rechaça enquanto sujeito. Devemos lembrar também que as condições de pertencimento dos sujeitos aos grupos sociais estão inscritas dentro e fora do lugar. A vida de fora da favela se mescla à forma com que o morador vê a si mesmo, buscando ser reconhecido como sujeito entre outros sujeitos.

Deste modo, habitar em um lugar que é visto através de olhos que tornam invisíveis seus moradores, traz ao sujeito um sofrimento para o qual ele terá de encontrar novas soluções para poder se situar no mundo. Este tema é abordado por Celso Vergne (2002) na seguinte passagem:

O olhar é apenas uma das formas onde se demarcam diferenciações que são utilizadas como justificativa da negação do outro e da diversidade. A marca da cor da pele, do local da moradia, da subjetividade que escapa aos modelos hegemonicamente valorizados, são aspectos através dos quais podemos conhecer as formas de construção das práticas de exclusão e de imposição de um modelo de sujeito. (p.34)

Trazendo à luz uma característica marcante do processo de urbanização das cidades, a não incorporação da pobreza, falamos até aqui da invisibilidade provocada por um olhar que estigmatiza. Um olhar que marca os sujeitos, como um número em uma série de excluídos, posto que reflete aquilo que queremos ver e não o que está diante de nós, diferente de nós. Mas falamos de um olhar. No preconceito, no estigma, há um olhar, ainda que ele seja fruto de projeções daquilo que somos ou daquilo que não desejamos ser. E quando não há nem mesmo este olhar? Quando a invisibilidade acontece por uma ausência de registros sobre os lugares e, portanto, sobre as pessoas? Como se vê este sujeito? Como se coloca no mundo? Devemos pensar, nesse momento, sobre como alguém se sente existindo numa condição ou situação em que o existir passa

desapercebido, como em Água Mineral, já que a existência, o sentir-se existindo, impõe-se ao sujeito.

Os jovens entrevistados chamam a nossa atenção para um sentimento de estar à margem ou ser invisível quando nos fala de sua comunidade:

A comunidade. É um sub bairro, não tem nome, não consta no mapa, então eles falam que moram em lugar nenhum, eles vão para lugar nenhum, para eles tanto faz porque eles moram em nada. (Roger)

Ah, *é bastante ruim, muito ruim. Saber, por exemplo, que você não existe...* pra eles. Porque olhando pra estas fotos aqui logo vem na cabeça que você não existe pra eles, *que você não é nada*, mas... é erguer a cabeça e cobrar nossos direitos, né, porque deixar assim... mas é muito ruim isso, pensar que você não existe. (Douglas) (grifo nosso)

Se sentem (faz expressão de indiferença) Aqui não tem nada.... Pelo que eu vejo que as pessoas falam, *morar num lugar que não tem nada, a pessoa se sente um nada*. (Douglas) (grifo nosso)

Água Mineral não existe no mapa da cidade; ela não existe nos registros oficiais da cidade. Os seus moradores não têm endereço com esta referência: eles têm de ter outro endereço para poderem receber as suas correspondências, eles têm de acrescentar ao nome Água Mineral uma longa explicação para que sejam encontráveis. Teoricamente eles existem, mas na verdade eles precisam criar uma série de artifícios para poder se fazerem vistos. Segundo Luis Eduardo Soares (2005), quando não se é visto e se vê, o mundo oferece o horizonte, mas furta a presença, aquela presença verdadeira que depende de interação, de troca, do reconhecimento, da relação humana. Não ser visto significa não participar, não fazer parte, estar fora, tornar-se estranho.

Isso causa indignação, humilha e angustia aqueles que ficam sem um lugar real de pertencimento possível de se remeterem enquanto seres que vivem em uma *polis* e possam dizer “eu sou”. O espelho social em que olham lhes é opaco.

Isto ficou claramente evidenciado em algumas falas dos entrevistados, como por exemplo:

Essa pergunta sempre me fizeram, por onde eu ia, se eu fosse procurar um emprego, até se eu ia me matricular em escolas aqui em São Gonçalo, *quando eu falava “eu moro em Água Mineral”, “o que é isso?”, “que lugar é esse, Água Mineral, onde é isso?”*. (Ariela) (grifo nosso)

porque qualquer lugar que você chega para dar o seu endereço, num hospital, (...) então você fala “eu moro em Água Mineral”, porque todo médico pergunta (...), *ah, onde você mora?*” “Água Mineral... *(aí ele fica parado e eu digo Colubandê)*”. *Então as pessoas sabem que Água Mineral não existe para outros que não... que nunca vieram por aqui...* (Clara) (grifo nosso)

olha, as pessoas que já conhecem só de falar mesmo da Água Mineral, todo mundo fala apavorado, *olham como um buraco, como um lugar que não tem nada, pessoas que nunca vieram aqui, falam que é isso....* (Clara) (grifo nosso)

É estranho, a gente se sente fora do contexto. Dizer que você mora num lugar dentro da cidade que ninguém conhece, se sente um alienígena. (risos) (Clara)

C – *é o mesmo que falar outra língua, porque as pessoas não sabem o que é.*

I – não adianta dizer que mora em Água Mineral?

C – *não, não adianta.*

No ato de o médico ficar parado, esperando uma explicação, olhando a pessoa que fala de seu lugar sem o reconhecer como parte da nossa sociedade; ou no transparecer do apavoramento de quem lá não reside; no lugar que nada tem e assim nada é; ou ainda na metáfora ou imagem criada pela entrevistada de que ela falaria outra língua, ou que seria alguém como um “alienígena” em sua própria cidade, no seu próprio município, marcam cabalmente a questão da invisibilidade.

Tem algo, portanto, entre a invisibilidade do lugar e a invisibilidade das pessoas que habitam este lugar. O lugar onde moramos é algo que nos dá uma referência. Ele diz sobre quem somos. As pessoas criam idéias sobre as outras a partir do lugar onde elas moram. O lugar parece que diz o que a gente pensa, o que a gente faz, como a gente vive... A questão é que quando este lugar é identificado com o nada, com o lugar nenhum, com o ser invisível, o sujeito também parece ter isto colado à sua subjetividade. A invisibilidade cola no sujeito como algo que os fazem sentir estranhos, desconhecidos, desvalorizados...

Interessante resgatarmos o pensamento de Soares (2005) nesse momento, quando ele afirma que há duas maneiras de se experimentar o sentimento de ser invisível: a mais óbvia, imediata e superficial, e a mais profunda e perturbadora. A primeira, segundo o autor, é simples: ser estrangeiro. Ou como nos disse a entrevistada, um alienígena. Quem nunca se sentiu estrangeiro? O estrangeiro não sabe falar a língua nativa, ele não consegue se comunicar com as pessoas; ele não entende o que os outros lhe dizem. Da mesma forma, aqueles que ouvem o estrangeiro, igualmente não o entendem. Logo, igualmente se sentem excluídos e estrangeiros. Quando o médico não reconhece a fala da cliente como sendo uma

fala legítima, que marque um lugar onde possa se morar, ele e ela criam um ruído na comunicação, digamos que o que acontece é a predominância da função fática da linguagem, há o canal, há a informação, mas ninguém entende o que está sendo dito. Isso é ser estrangeiro, isso é ser alienígena, isso é ser invisível. Não há visibilidade através do ato de fala, porque não há reconhecimento de área de pertencimento. Água Mineral não existe no mapa simbólico do médico mesmo que exista de fato para a cliente. Igualmente não existe para os demais moradores de São Gonçalo: é um nada, um buraco.

Continuando, Soares aponta a segunda e mais complicada forma de invisibilidade, que implica em descobrir o lado estrangeiro de si mesmo, na relação com os mais próximos e consigo mesmo. Descobrir-se exilado no seu próprio país, na sua própria casa. Saber-se condenado a não se entender inteiramente. Se os indivíduos não se conhecem a si mesmos, plenamente, a fronteira entre aquilo que se supõe ser e aquilo que se pode vir a ser não é tão clara e rígida (porque aquilo que verdadeiramente se é está sempre em processo e sempre se furta a um conhecimento integral). Portanto, uma outra forma da invisibilidade é aquela causada pela indiferença ou pelo não conhecimento sobre si, sendo esse si mesmo não somente a pessoa, mas também o não conhecimento sobre a comunidade onde se vive.

Reparemos nessa imagem trazida por uma das moradoras de Água Mineral:



Figura 7

Essa foto aqui (...) fala da omissão das pessoas, um *portão fechado*. Todas as casas aqui são assim. Então acontecem situações que ninguém sabe, *as pessoas às vezes tão precisando de ajuda, mas eles não se abrem pra falar e se se abrirem*

vão encontrar portões fechados. Não vão encontrar ninguém para contar e aqui em Água Mineral isso é muito típico, muito típico isso. (Ariela) (grifo nosso)

As pessoas aqui têm uma dificuldade, elas são muito desacreditadas, politicamente falando e historicamente falando. Muita gente não sabe a própria história da sua comunidade, (...) Aí os filhos vão crescendo, vai ficando, sem expectativa de vida nenhuma, para eles tanto faz como tanto fez, é como se fosse assim, não tem propósito nenhum, não têm sonhos, vivem cada dia por viver. (Roger)

Quando a entrevistada traz a imagem de portão fechado e da não comunicação entre as pessoas, mesmo que precisem de ajuda; quando o outro entrevistado nos traz a idéia do descrédito político e histórico desta mesma comunidade, estamos percebendo e tecendo uma malha para muito além da teoria, uma malha real, que parte da fala dessas pessoas que se sentem invisíveis não somente dentro da sociedade, ou frente ao poder público, mas igualmente dentro da própria comunidade em que vivem. “Água Mineral é um lugar muito acolhedor, mas muito enganador, entre aspas”: há algo dentro de Água Mineral que nem mesmo os próprios moradores revelam.

A indiferença é vivenciada pelos moradores de Água Mineral, tanto dentro da própria comunidade, como, especialmente, na sua relação (ou a falta dela) com o poder público. Quando falta o olhar do poder público para a comunidade, ou seja, quando dele não se tem garantido as mínimas condições para uma vida digna e o exercício pleno da cidadania, o sujeito fica como se não conseguisse saber qual o seu lugar no mundo. As falas abaixo demonstram o modo como esses moradores percebem a ausência do poder público e a sua invisibilidade frente a esse mesmo poder:

os governos. Eles olham, mas não olham como deveriam olhar. Olham só para dizer que olhou, assim, dá uma olhadinha rapidinha, ah, vá, faz aquilo lá rapidinho, mas tem muitas outras coisas que eles poderiam olhar, mas não olham. (Clara) (grifo nosso)

eu tava até procurando saber o que que precisa se fazer para poder.... digamos... essa comunidade de Água Mineral não existe no mapa, mas ela existe, mas não como Água Mineral, metade dela é Rocha, metade é Colubandê, a maior parte é Colubandê. (Clara) (grifo nosso)

Aqui é parte...praticamente tudo aqui é Colubandê, só que é uma área do Colubandê que é esquecida pelo Colubandê por ser distante, então é como se nós não fôssemos deles, do Colubandê. Então, por ser distante as próprias pessoas se formaram numa comunidade, um bairro. Eu acho ridículo não ser considerado um bairro. (Clara) (grifo nosso)

O sentimento deve ser igual o meu, um tipo de inutilidade, mais ou menos inutilidade, poxa eu moro num lugar que ninguém sabe onde é. Tenho certeza que as pessoas não gostam disso. É estranho, a gente se sente fora do contexto. (Clara) (grifo nosso)

Traremos, a partir de agora, não somente depoimentos, discursos como recursos dessas pessoas em falar de si mesmas ou de sua comunidade, recursos de elas existirem na esfera pública, “na presença de outros homens”. Trazemos à cena mais imagens, imagens fotografadas pelos próprios moradores de Água Mineral. Daremos não somente voz, mas (e talvez principalmente) registros de uma ação - o ato de fotografar sua própria comunidade – a esse lugar.

Se, para existir, o homem, segundo Arendt (2004), deve ter ação e discurso como recursos, e se nesta comunidade o esquecimento é uma marca, seja pela esfera pública, seja pelos próprios moradores - que muitas vezes sentem-se como estando de passagem por Água Mineral (vivem o dia-a-dia sem se darem conta de que lá é o lugar deles e que esse lugar possui uma história) -, juntamos ao discurso já lido, algumas vezes, em outras passagens dessa dissertação as imagens que o fizeram existir. Damos ao leitor um olhar e uma imagem (real?) do como seja o lugar do qual estamos falando desde o início de nossa dissertação.

Entrem na nossa cena: as imagens, e as falas... que o invisível comece a se tornar visível “aos outros homens” e assim passem a existir...



Figura 8 – Olhar com mais carinho

Outra parte que eu vejo *que é deixada de lado pela prefeitura mesmo, pelos governos, deixada de lado, por exemplo nesta rua que dá acesso a um Hospital Geral, um hospital estadual, uma rua, precariedade, lama, buracos onde não se passa mais Ônibus por aqui, porque ta neste estado... (...)* e isso já tem um tempo.... (Clara) (grifo nosso)



Figura 9

Aqui também, *a gente vê o esgoto descendo a céu aberto, aberto mesmo, pela rua a fora... descendo o esgoto.* Tem essa foto, e tem uma que mostra a própria caixa, lavando, jorrando água... (Clara) (grifo nosso)



Figura 10

Aqui eu quis retratar assim, *como as autoridades descartam esse lugar*, por que uma vez eu ouvi, não lembro quem, se foi S.D., foi reivindicar a pavimentação das ruas e na prefeitura as ruas já estão pavimentadas, *lá, para eles, já está tudo certo, mas aqui, pode ver, falta de saneamento básico...* (Ariela) (*grifo nosso*)

“Dão uma olhadinha rápida”, “essa comunidade não existe no mapa, mas ela existe”, “é uma área esquecida”, “precariedade, esgoto descendo a ladeira”, “acho ridículo não sermos um bairro”, “as autoridades descartam este lugar”, “lá está tudo certo, mas aqui pode ver falta de saneamento básico”..... Palavras, sentimentos, dores, constatações marcadas nas falas e nas fotografias tiradas que partilham a mesma sensação: de inutilidade, pois afinal, *“poxa eu moro num lugar que ninguém sabe onde é. Tenho certeza que as pessoas não gostam disso. É estranho, a gente se sente fora do contexto.”*

Através dessas palavras-falas-depoimentos-imagens podemos perceber o que a angústia da invisibilidade prenuncia, qual seja, o aniquilamento da existência que, sem rodeios, ameaça constantemente o habitante das grandes cidades. Na falta do olhar para Água Mineral, um olhar que afirme a sua existência em um tempo e num espaço (mapa da cidade), a consequência para seus moradores parece ser uma sensação de que pertencem a lugar nenhum, ou seja, algo que não existe e que não vale a pena ser habitado, amado, valorizado.

Isto também traz conseqüências para o sujeito que se constitui enquanto tal neste lugar que é, então, percebido como um lugar nenhum. No desconhecimento da própria história, de si mesmo no seu lugar, pela falta de identidade provocada pelo habitar em um lugar igualmente sem identidade, posto que seu nome sequer existe nos registros oficiais da cidade – o endereço não consta, para receberem correspondências o endereço dado é outro –, o sujeito pode viver aquilo que vamos chamar aqui de um vazio. O vazio social – a comunidade que não é suprida com aparelhos sociais suficiente para acolher e satisfazer os seus habitantes – é vivenciado também como um vazio subjetivo. E onde há o vazio, que não se fez ainda conhecido, revelado, identificado, ou para o qual ainda não se encontrou alternativas que dêem ao sujeito a garantia de que necessita para se sentir pertencendo e atuando na *polis*, há a necessidade de se preencher este vazio. Podemos pensar neste vazio a partir dos conceitos de fragmentação e despedaçamento do homem, apontados por Valadares (2000). Segundo este autor, tão fragmentado quanto o espaço e a cidade, também consumidos na desmesura de um mundo e um submundo, encontra-se o sujeito. Este se sente perdido, posto que dividido e desamparado diante da fragmentação do espaço social. O sujeito não se torna um sujeito, está animalizado, assujeitável, indomável. O autor afirma que o sujeito vivencia uma experiência de desamparo, que pode ser vivida ao mesmo tempo no corpo do sujeito e no corpo do espaço. Valadares afirma: não há cidadania que sobreviva ao desabrigo.

Interessante retomarmos aqui Lewkowicz (2003, In: Maia, 2005) quando este relaciona a questão do desfundamento ou desraizamento social à falha ou ao desamparo das instituições vigentes. Segundo o autor, se não há uma instituição que sustente o ser social, havendo desta forma um desfundamento das instituições, a questão do amparo perde sua qualidade institucional. Dessa forma teríamos de pensar tanto o amparo institucional quanto a própria sociedade de uma outra maneira, já que não teríamos como base um fundo institucional já dado de antemão. Se o sujeito se constitui enquanto tal a partir de um referencial externo que o sustente e o ampare, quando este referencial se quebra, igualmente se quebra este sujeito. Assim, um outro efeito da invisibilidade, que podemos considerar, é o vazio subjetivo, a sensação de perda de sonhos e de que viver vale a pena. Nas falas dos moradores de Água Mineral percebemos este vazio que é preenchido por outras formas de “amparo” diante do desamparo social em que

estão imersos: prostituição, alcoolismo, violência, ou mesmo o silêncio diante da violência, o viver sem sonhos....

porque eles estão vivendo num mundo em que a pobreza manda, a pouca oportunidade de vida, qualidade de vida quase zero, expectativa de vida quase que nenhuma porque as pessoas que querem ajudar são pessoas pouco instruídas, são pessoas que não sabem nada de educação porque foi criada errada e quem foi criada errada vive errada também. E com isso não tem expectativas, já perderam os sonhos. Só sabem... os grandes, só fazem as coisas por fazer ou por obrigação, já perderam o amor por tudo que eles tinham que fazer (Roger) (grifo nosso)

Isto aqui é na outra rua, aqui as pessoas são muito pobres, é um povo muito pobre, que trabalham exclusivamente sabe para quê? Para se alimentar, para comer para não morrer de fome, para pagar água e luz, nem todo mundo tem casa própria (Roger)

Aí os filhos vão crescendo, vai ficando, sem expectativa de vida nenhuma, para eles tanto faz como tanto fez, é como se fosse assim, não tem propósito nenhum, não têm sonhos, vivem cada dia por viver. (Roger) (grifo nosso)

Pessoas que moram na mesma comunidade, que trabalham (..) oportunidade, pessoas que são obrigadas a sair da escola porque não têm aquela condição de estudar, não têm aquela qualidade de vida que deveriam ter, que é básica, ou trabalha ou morre de fome, aí não tem condição, *pessoas que acabam caindo no mundo do crime, ou se prostituindo.../A* - Isso é comum em Água Mineral?/R - Não é muito comum, mas acontece. *E acho que não é muito comum porque as pessoas escondem muito as coisas, escondem demais.*

Buscam a alegria na bebida, na cachaça, no álcool para esquecer sua vida de verdade, cada dia é apenas mais um dia que eles têm para fazer as mesmas coisas. Só isso. (Roger) (grifo nosso)

Os jovens que estão nascendo em Água Mineral, *eles não têm o sonho de melhorar Água Mineral, eles têm o sonho de sair de Água Mineral, e muitos até prejudicam o lugar, trazendo o tráfico, se envolvendo em prostituição, eu acho que são os espinhos. O galho tá bem prejudicado, depois desse corte, ele foi bem prejudicado.(Ariela) (grifo nosso)*

Quando os sujeitos já não podem mais se ligar ao seu lugar, posto que o lugar não apresenta condições para que o desejo ali se mantenha, os espaços que são reconhecidos pelos sujeitos a partir do desejo transformam-se, em algo que Valadares (2000) denomina de túmulo:

Pessoas mortas vivas andando, comem, bebem, trabalham, tudo por fazer, não tem alegria de viver. (Roger) (grifo nosso)

por que os mais jovens, *eles não gostam de morar aqui, têm vergonha de morar aqui. Eles falam que Água Mineral é uma roça, que Água Mineral é roça. À noite eles não ficam aqui, à noite eles vão para outros lugares, eles não gostam de dizer*

que moram aqui, eles têm vergonha desse lugar e não fazem nada pra melhorar.
(Ariela) (grifo nosso)

Viver na sombra dos movimentos: não conseguir se enxergar com movimento próprio, potência própria, importância, existência própria. Como pontua Costa (2004), a invisibilidade atormenta. Atormenta porque não conseguimos nos reconhecer a nós mesmos. Tentamos nos colocar aqui ou ali, como alguém, como cidadão, como morador de um lugar, mas não conseguimos ter certeza de que realmente somos. O desejo de ser, de existir fica amordaçado. Porém, essa mordida não cala o desejo de ser reconhecido, de poder falar do orgulho de ser um morador de um lugar conhecido pelos outros. Por este motivo a invisibilidade atormenta.

poxa! Talvez, na hora de você dar o seu endereço, colocar ali Água Mineral, não colocar Colubandê. É um orgulho, né, dizer “eu moro no bairro de Água Mineral”. Elas não gostam de falar que moram no Colubandê, elas gostam de falar que moram na Água Mineral, então isso mostra orgulho. Então se fosse realmente um bairro, dado o nome mesmo, então as pessoas de início assim levariam o orgulho de morar em Água Mineral, eu tenho orgulho de morar em Água Mineral, levar um nome, né. (Clara) (grifo nosso)

Percebemos que tanto quanto o nome, o lugar dá ao sujeito uma identidade. Quando o lugar não tem um nome ou pelo menos ele não pode ser dito, posto que “não adianta”, ainda assim o sujeito não cala seu desejo de ser alguém, de ter um nome e de poder anunciar o nome do lugar onde mora.

o que mudaria? mudaria o orgulho. Com razão, eu me sentiria orgulhosa de dizer “eu moro em Água Mineral”, mudaria assim... vai criar um impacto porque a partir do momento em que se torna conhecido, o nome se torna conhecido, se torna conhecido o tipo de lugar que é. (Clara) (grifo nosso)

Podemos perceber, a partir dos discursos tecidos e das imagens registradas pelos moradores de Água Mineral, que a invisibilidade pública é uma construção psíquica e social. Nessas circunstâncias, muita violência e verdades amortecidas contam como ingredientes que impedem a compreensão da invisibilidade pública como signo de uma luta social. Entendemos como violência, no caso de Água Mineral, o fato de ela existindo, não existir, ser visível pelo avesso e assim, amortecer as verdades dessa comunidade, sejam elas de cunho social – não têm saneamento básico, luz, asfalto, escola de qualidade...- ou de cunho histórico, pois

ninguém conhece a sua história, como se nada anteriormente importasse, apenas o viver sem importância, um viver de cada dia, um viver sincrônico, onde a diacronia desaparece. Água Mineral é só uma passagem.

Invisibilidade pública: expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: *humilhação social e reificação*.

O fenômeno da *humilhação social* parece exigir em psicologia social uma dupla abordagem: política e psicológica. A humilhação social apresenta-se como um fenômeno histórico, construído e reconstruído ao longo de muitos séculos, e determinante do cotidiano dos indivíduos das classes pobres. É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma classe inteira de homens do âmbito público da iniciativa e da palavra, do âmbito da ação fundadora e do diálogo, do governo da cidade e do governo do trabalho. Constitui-se, assim, um problema político.

Invisibilidade pública: espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens, desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens.

Costa (2004) pontua que a invisibilidade atormenta e que sentiu na pele este tormento, essa “invisibilidade pública”, que define o desaparecimento psicossocial de um homem perante seus semelhantes. Esse sentimento é mais comum do que se imagina: a invisibilidade determina grande parte de nossas relações, observa o autor.

Calça, camisa e boné vermelhos: imaginei que, no Instituto de Psicologia chamaria a atenção naqueles trajes. Pareceu-me divertido aparecer vestido de gari, “fantasiado”. (...) Antônio e eu entramos no bloco de aulas.(...) Conhecia aquela gente: amigos de turma, colegas, veteranos companheiros do time de futebol, parceiros do tênis de mesa, os professores. Todos do instituto. Nenhum cumprimento, mesmo que discreto. Os olhares me tangenciavam. Mal-estar súbito: eu estava *invisível*. Antônio comigo: Antônio estava *invisível*. (p.114-115)

A invisibilidade pública é como uma violência à alma. Ninguém nos vê e, entretanto, sentimo-nos dissecados e ressecados pelos outros. A invisibilidade pública não se constitui em um fenômeno óptico, ela é uma forma aterrorizante de nos sentirmos visíveis. Sabemos que estamos ali, é fato e morremos de vergonha por isso. Segundo Soares (2005) a gente só vê aquilo que a cultura e a sociedade permitem que se veja. O autor afirma que essas operações não são racionais ou

conscientes. Ninguém planeja ver o que não via ou, por livre e espontânea vontade, num estalar de dedos, deixa de ver o que é incômodo ou impróprio. A gente simplesmente percebe ou deixa de perceber, de acordo com os limites e pressões psicológicas, sociais e culturais.

Às vezes me confundo com Água Mineral. Lugar invisível, pessoa invisível. Os lugares buscam a luz. Os moradores em seus lugares desejam ser olhados com atenção. Atenção que dá a eles a certeza de que são. De que não estão sós. De que podem seguir adiante e encontrar suas saídas.

Falar de invisibilidade dói. Precisamos nos conectar com a nossa própria. Ou pelo menos eu com a minha. Gaúcha, saída de uma cidadezinha do interior do estado - filha do médico da cidade, do “Dr. Vilnei”, e da psicóloga, a “Dra. Jussara” - jovem de longos cabelos crespos (que chamavam a atenção mais que a própria dona) que ganha espaço na cidade natal, Porto Alegre, onde começa a se aventurar pelos caminhos dos invisíveis moradores das vilas e comunidades pobres, vem habitar o Rio de Janeiro. Cidade grande demais, onde somos quase todos transeuntes invisíveis. Onde o ser gaúcha, mostra, mas também esconde, mais do que sou. Onde o não ser daqui me tira o lugar; me oferece outros, é claro. E é estes que quero e preciso descobrir. Enxergar-me em cada um deles e me sentir olhada, cuidada. Os moradores de Água Mineral também parecem em busca do seu lugar. Ou pelo menos em busca de que o seu lugar seja olhado, valorizado e tornado visível, para que eles possam também ser visíveis e desfrutar de tudo que a visibilidade pode oferecer – para o bem ou para o mal. Mas que possam ser.

A invisibilidade, que aqui se coloca e sobre a qual eu comecei a refletir e trabalhar com ela, não se mostra unicamente na concretude da sua não existência no mapa. Penso que o não existir no mapa é uma metáfora, para dizer de uma experiência delineada às margens da cidadania plena, do reconhecimento social. O não existir no mapa é a imagem da invisibilidade pública. Afinal, quem são esses moradores que não estão no mapa enquanto cidadãos? O que a eles é dado como recursos públicos? Como esses moradores se vêem enquanto cidadãos?

Morar em um lugar que não existe no mapa da cidade, ou seja, que não é visível e que não tem representação ou não é representado em imagens talvez seja pior do que morar em algum lugar cuja significação esteja associada a algo negativo. Portanto, sugiro, que habitar em um lugar em que a representação é nenhuma, e que dá aos seus moradores uma identificação com o nada, produz um

modo de ser em que a invisibilidade social/pública, e a sensação de insignificância/inexistência social são uma tônica.

Porém, não queremos apenas ressaltar as mordanças da invisibilidade. Queremos algo além. Queremos encontrar aquilo que nos leva a tentar desatar essas mordanças em uma comunidade como Água Mineral. A tornar livre o desejo, tornar possível a visibilidade, viável o encontrar-se como alguém que habita um lugar e é por ele reconhecido ou sente-se nele importante: alguém que valha a pena ser vivido!!